

Entrevista: A Força do Discurso Direto

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.10>

Joana Fillol

Jornalista e investigadora

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-8577-7809>

joanafillol@gmail.com

Descrição

Não há jornalismo sem perguntas e sem entrevistas. Através delas, o jornalista obtém a informação que depois vai trabalhar para apresentar ao leitor/ouvinte/telespectador sob a forma de notícia ou reportagem, por exemplo. Mas a entrevista como género jornalístico – de que aqui falamos – é algo diferente: obedece a um formato de pergunta-resposta que vai ser apresentado assim mesmo ao público.

A entrevista é, portanto, uma conversa que o jornalista mantém com alguém *relevante* – no sentido de que se trata de uma pessoa que tem algo de importante para dizer sobre um determinado assunto. Pode entrevistar-se o protagonista de um acontecimento, a testemunha de um momento especial, o especialista num determinado tema, mas também alguém que, pela sua notoriedade pública, é interessante ouvir em discurso direto para se ficar a conhecer melhor a pessoa, a sua personalidade (uma cantora, um *youtuber*, uma escritora, um político, etc.).

Resumindo, em jornalismo não se faz uma entrevista porque sim: tem de haver um interesse particular para apresentar a conversa com aquela pessoa em forma de um diálogo, sob pena de o leitor não ter interesse em lê-la.

Mãos à Obra

Uma entrevista começa bem antes de se pôr o microfone no *on*. Escolhida a pessoa e aceite o desafio pelo entrevistado, o primeiro que o jornalista tem a fazer é pesquisar, documentar-se, ir saber mais sobre aquela figura, o seu trabalho, o(s) assunto(s) que a entrevista vai focar. A partir daí, constrói um guião, uma lista de perguntas para colocar ao entrevistado.

Judite de Sousa (2002) descreve a entrevista como “uma conversa a três: entrevistador, entrevistado e público” (p. 23). Não estando lá, o público também participa: o jornalista deve pensar nele – e naquilo que gostaria de saber – quando se prepara. Mas atenção: ter um guião não é sinónimo de segui-lo à risca. Uma entrevista deve ser uma conversa, nunca um questionário. No seu decurso, perguntas imprevistas surgem e outras, planeadas, deixam de fazer sentido. A atenção e o saber ouvir – capacidades cada vez mais raras – são essenciais para o jornalista conseguir uma boa conversa, fluída, algo que raramente acontece quando só se está pendente de colocar a questão seguinte do guião e não se olha o entrevistado nos olhos.

Se, na rádio ou na televisão, a entrevista termina com o desligar do microfone ou da câmara, na imprensa escrita é diferente. Além de fazer a transcrição da gravação da conversa, o jornalista precisa, também, de escrever uma introdução em que apresenta o entrevistado, e de fazer aquilo que, na gíria jornalística, se designa por “apontamento de reportagem”. Isto é, *transportar* o leitor para o contexto da conversa, explicar o ambiente. Por exemplo, dizer o local onde decorreu e descrevê-lo, dar atenção a um pormenor, a um comportamento do entrevistado (chegou atrasado; estava descontraído, tenso; tentava despachar as respostas ou, pelo contrário, colava memórias umas às outras). Enfim, dar conta daquilo que o microfone não capta – “os latidos do coração”, como lhes chamou Gabriel García Márquez (Centro Gabo, 2020). Como quem lê uma entrevista não está a ouvir a voz e a imagem do entrevistado, o jornalista não se pode esquecer que a linguagem não-verbal também contém informação, que pode e deve ser assinalada, entre parênteses retos, na transcrição – sorri, emociona-se, baixa a cara, chora, fica em silêncio, leva as mãos à cabeça, por exemplo. Há gestos que podem dizer tanto ou mais do que as palavras. Na rádio, as emoções transparecem através da voz, mas o ouvinte não vê. O jornalista radiofónico tem, por isso, que informá-lo se algo de importante estiver a acontecer a esse nível.

Não Esquecer

- Não há perguntas-tabu e, como dizia Oscar Wilde (1893/1997), “as perguntas nunca são indiscretas. As respostas às vezes são” (Ato I);
- Aguentar os silêncios do entrevistado (depois de um, vem, por vezes, uma declaração importante);
- Insistir quando, por exemplo, o entrevistado hesita no que vai dizer ou o assunto merece (mas, cuidado, insistir não é massacrar);
- O jornalista tem o direito de perguntar, o entrevistado o de não querer responder (às vezes, uma não resposta também é uma resposta);
- Uma pergunta é uma pergunta, não uma exposição;
- O jornalista não é um “pé de microfone”: não está lá apenas só para ouvir. Sobretudo quando se trata de temas polémicos, ele tem, com as suas perguntas,

de questionar, contrapor o que o entrevistado diz (por exemplo, se acha que o entrevistado está a mentir ou a passar só uma versão dos factos);

- Pode-se anunciar nas redes sociais do *medium* escolar que se vai entrevistar a pessoa x e perguntar aos seguidores se têm alguma questão que queiram colocar.

Uma Citação Sobre o Género

“As entrevistas são como o amor: são precisas duas pessoas para fazê-las e só saem bem se essas duas pessoas quiserem” (Centro Gabo, 2020, para. 6).

Uma Curiosidade

Na imprensa escrita, a presença da entrevista enquanto género é relativamente recente. Joaquim Letria (1999) conta que o recurso a ela foi uma forma que jornais e revistas encontraram para fazer frente ao “contacto direto” proporcionado pelos meios audiovisuais. Uma das principais vantagens da entrevista – escreve Letria – é a “transferência de calor humano muito próprio, nascido da sensação de instantaneidade” (p. 38).

Ideias Para o Jornal Escolar

Por que não entrevistar um/a aluno/a que seja atleta de alta competição e saber como é conciliar estudos e desporto? Ou um ex-aluno/a da escola que esteja num lugar de destaque? Ou o presidente da Câmara sobre as políticas de juventude do município? Ou o artista que vai atuar no teatro municipal?

Agradecimentos

Este artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto “bYou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/COM-OUT/3004/2020. DOI: <https://doi.org/10.54499/PTDC/COM-OUT/3004/2020>.

Referências

Centro Gabo. (2020, 23 de outubro). *10 reflexiones de Gabriel García Márquez sobre las entrevistas periodísticas – Un decálogo del escritor colombiano sobre la entrevista en el oficio periodístico*. <https://centrogabo.org/gabo/contemos-gabo/10-reflexiones-de-gabriel-garcia-marquez-sobre-las-entrevistas-periodisticas>

Letria, J. (1999). *Pequeno breviário jornalístico – Géneros, estilos e técnicas*. Editorial Notícias.

Sousa, J. (2002). *Olá Mariana – O poder da pergunta*. Oficina do Livro.

Wilde, O. (1997). *An ideal husband*. The Project Gutenberg. (Trabalho original publicado em 1893)